

*Resenha sobre o livro de Peter Gay: Freud, uma vida para o nosso tempo, publicada sob o título: Freud, vida intelectual em forma de epopéia, em O Estado de São Paulo, São Paulo, 02, junho, 1989. Caderno 2, página 4.*

## **Freud, vida intelectual em forma de epopéia**

Nos últimos anos - quantos? vinte, trinta... - a psicanálise tomou-se mais complicada do que nunca. O que não chega a ser uma surpresa, visto que ela nasceu sob o signo do "complexo", quer como substantivo quer como adjetivo. Mas à medida que o coloquialismo elegante e culto dos textos freudianos foi por sua vez sendo reinterpretado pela descendência ávida de novas conquistas e consolidação científica, a decifração já freqüentemente meândrica e tortuosa de nossas motivações profundas intensificou-se até desembocar em conceitos, gráficos e esquemas cada vez mais distantes da experiência do mortal comum.

Brotando em meio a essa aridez desoladora, uma boa biografia de Freud pode ser um oásis - mas também uma miragem, bastando para tanto que se lhe peça mais do que pode dar. Convém, portanto, mergulhar nas 700 páginas da excelente reconstituição de Gay com certo cuidado; e não que o risco seja de afogamento. Objetar-se-á que essa advertência é desnecessária e até ofensiva tanto para o leitor como para o autor, devidamente cientes dos limites do gênero biográfico. Pode-se responder, entretanto, mais uma vez, que a psicanálise conserva suas peculiaridades também nesse terreno. A aventura de Freud se passa inteiramente numa "outra cena", a das idéias; que biógrafo escaparia à tentação de interpretar os textos canônicos?

A interpretação da teoria por Gay, contrabandeada sob o invólucro dos legítimos comentários sobre as circunstâncias que presidiram o nascimento dos artigos, ensaios e livros de Freud, não constitui o único aspecto controverso a ser examinado. Há pelo menos outro de igual importância, fruto de uma tentação ainda mais irresistível para o pesquisador que se dedique a vivisseções semelhantes: o da psicanálise aplicada. Essa expressão, aparentemente inocente, encobre uma ambição considerável - a de utilizar conceitos especificamente clínicos para decifrar obras artísticas, processos históricos, instituições e, não menos, personalidades. A epígrafe escolhida, uma citação do estudo de Freud sobre Leonardo, é reveladora: "*Não existe ninguém tão grande, para quem seja uma desonra estar sujeito às leis que regem com igual rigor a atividade normal e a atividade patológica*".

Não sem um certo remorso, derivado do prazer que a leitura de *Uma Vida Para o Nosso Tempo* oferece, é preciso começar pelo exercício da ingratidão, amargo quinhão do crítico, apontando, através de exemplos, o que se julga pertencer à categoria dos deslizes devido à exorbitância interpretativa, de um lado, e à tomada de posição no debate teórico, de outro, esta última indevidamente fundamentada quanto mais não seja pelas restrições que uma biografia impõe em termos de espaço.

O problema da interpretação à revelia reside em que, freqüentemente, ela oscila entre a descoberta do óbvio e a promulgação do arbitrário. Afirmar que o *"...irremediável gosto de Freud pelos charutos atesta a sobrevivência de necessidades orais primitivas"* ilustra a primeira alternativa e reitera desnecessariamente um truísmo: Freud, como quase qualquer ser humano, à exceção das vítimas da anorexia (inapetência nervosa), engolia (ou tragava) literalmente sua ansiedade. Mas supor que *"...sua coleção de antiguidades revela resíduos na vida adulta de prazeres anais igualmente primitivos"* já é mais problemático; seria preciso acreditar piamente que todo sentimento de posse metaforizaria uma retenção do conteúdo fecal e ignorar que a apreciação de obras de arte se situa inevitavelmente próxima à jurisdição da sublimação.

Reconheça-se, entretanto, que tais interpretações têm pouco peso em relação ao conjunto do livro e, no que se refere à teoria, Gay é bem mais cuidadoso. Por "mais tentador", escreve, que seja atribuir a pulsão de morte a experiências de ordem pessoal (a morte da amada filha Sophie além dos abalos provocados pela guerra), ele rejeita a tese de F. Wittelz, o primeiro biógrafo, e adere à argumentação de Freud, segundo quem *Além do Princípio do Prazer* fora escrito antes da infausta notícia. Caberia, entretanto, uma pergunta incômoda: se a ordem cronológica fosse a inversa, estaríamos autorizados a desacreditar, por essa via, o conceito em questão?

Gay é suficientemente condescendente com essa possibilidade, a ponto de perguntar se *"...foi por acaso que o termo pulsão de morte ingressou na correspondência de Freud uma semana depois da morte de Sophie Halberstadt"*. Curiosamente, no prefácio ele se coloca bem mais vigorosamente a favor de uma separação clara entre o julgamento que se faça da teoria psicanalítica e as circunstâncias que afetaram o homem Sigmund Freud. *"Mas certamente a validade das proposições psicanalíticas não depende do que possamos desvendar sobre seu formulador."* Um pouco antes, no mesmo prefácio, protesta com razão contra *"...uma tática corrente, a de golpear a psicanálise através de seu fundador, como se o êxito no denegrimento de seu caráter envolvesse a ruína de sua obra"*. Seria preciso fazer o raciocínio simétrico e complementar: os méritos de Freud, ou os acontecimentos afortunados (coragem moral e intelectual, condição de filho preferido), tampouco constituem explicações válidas quando se trata de focalizar sua obra por um prisma favorável.

As interpolações teóricas não são mais bem sucedidas que os exercícios de psicanálise aplicada. Os lacanianos ficarão apopléticos - e não sem razão, desta vez - ao ler, nos comentários de Gay sobre *Além do Princípio do Prazer*, que *"...um de seus exemplos, embora divertido e pouco conclusivo, tornou-se famoso: o jogo fort-da que Freud observara em seu neto de dezoito meses"*. O pequeno Ernst atirava um carretel preso a um pedaço de linha e o recuperava novamente, pronunciando o-o-o-o (por fort = foi [embora]) no primeiro movimento, e da (aqui) no segundo. Uma das mais claras (raridade absoluta) e

convincentes análises de Lacan postula que Freud pode captar na ocasião nada menos que a função da linguagem, pois Ernst proferia os mesmos fonemas quando sua mãe se ausentava e reaparecia. As implicações são extremamente significativas e dizem respeito ao papel da função simbólica, que insere o pequeno humano no social justamente quando a ausência do objeto fálico por excelência, doravante perdido nessa condição, pode ser nomeado.

A versão de Gay para o complexo de Édipo tampouco é de molde a pacificar os espíritos. Enfrentando corajosamente a espinhosa questão, ele expõe em rápidas linhas uma concepção segundo a qual fantasia e teorização penetram numa bruma que as torna indistinguíveis, desembocando na notável confusão entre anatomia e significação, no caso do tão famoso como incompreendido "complexo de castração".

Se os atalhos teóricos indicados pelo autor extraviam o leitor enquanto o próprio guia se perde no labirinto da psicanálise aplicada, erguida a prova de fios de Ariadne, na qualidade de historiador os méritos de Peter Gay dificilmente podem ser exagerados. Ou seja, enquanto biografia "pura", *Uma Vida Para o Nosso Tempo* constitui um dos melhores exemplos de reconstituição de época com relação a um aspecto particular, no caso a história do movimento psicanalítico na medida em que está ligada à de seu fundador.

Sob esse aspecto, a reconstituição de Gay é impressionante. Passo a passo, o leitor é conduzido a partilhar das circunstâncias que presidiram a formação intelectual de Freud, sob a égide do que se poderia chamar um "positivismo esclarecido". Desfilam pelo livro os acontecimentos e processos históricos cuja proximidade repercutiu no adolescente possuído pela "*...ânsia de conhecimento, no jovem adulto em busca de afirmação pessoal, afetiva e profissional, e no homem maduro confrontado com um mundo em rápida transformação, cidadão (de segunda classe), de um império em vias de desagregação, perigosamente situado na vizinhança de um vulcão em letargia transitória*".

Gay exhibe uma habilidade verdadeiramente incomum para intercalar, no momento exato, a citação - geralmente epistolar - que ilustra quase cada parágrafo, insuflando-lhe uma verossimilhança imagética. Ora aborda em perspectiva o processo pelo qual o isolamento de Freud cede terreno ao incipiente e relutante reconhecimento de sua obra, ora se vale do *close-up* para caracterizar os primeiros adeptos; detém-se durante o tempo exatamente necessário para esboçar um retrato das relações com Ferenczi, Eitington, Jones, Abraham, Rank, Jung; dá a Fliess o que é de Fliess, a Breuer o que é de Breuer, a Freud o que é de Freud, sem deixar de esmiuçar as querelas travadas em torno do "patenteamento" de idéias, circunstância ilustrada pela controvérsia acerca do Isso (ou Id) de Groddeck.

A morte do pai, o início, auge, declínio e melancólico fim da relação com Fliess, o grupo das quartas-feiras (embrião da sociedade de psicanálise), os primeiros adeptos, vienenses, os talentosos conversos "zuriquianos", os conflitos internos, a grande guerra e seus dramas, a perda de Sophie agravada pela morte do neto preferido, as reviravoltas teóricas, as férias nas montanhas, as férias na Itália, a culposa realização de um sonho na Acrópole, a ambigüidade das relações com a filha caçula, Anna Freud, o câncer, os analisandos americanos, a ascensão do nazismo, o exílio na Inglaterra e, acima de tudo, a tenaz e ininterrupta construção da teoria, nada disso constitui novidade, mas a tessitura é perfeita. Não se enxerga uma costura malfeita, um fio solto. Gay outorga a cada item a atenção exata, e a comparação com o cinema se impõe uma vez mais, desta vez com o procedimento de montagem, graças ao qual o livro avança com ritmo e fluência admiráveis e uma agilidade imprevista para um volume de 700 páginas.

O estilo obedece aos cânones da escola anglo-saxônica: a respeitável voz do *scholar* é ouvida a *boca chiusa*, comentando os acontecimentos e seus protagonistas imparcialmente (salvo raras exceções, como quando atribui a Fliess um "servilismo hipócrita"). O requinte do texto repousa no farto e exato uso do material epistolar. Freud se correspondia com praticamente todo membro importante do movimento psicanalítico, além da família, e aparentemente não houve quem sonhasse em desfazer-se desses testemunhos de intimidade com o grande homem. A incipiência e rudimentaridade das comunicações telefônicas da época quem sabe deram sua modesta contribuição ao fato...

O biógrafo, por outro lado, soube buscar suas fontes com o faro de um contador Geiger. Ele desencava já na adolescência um certo Silberstein, talvez o primeiro destinatário das juvenis preocupações de Freud, e traça com as cores dessa correspondência inaugural um retrato do gênio quando jovem. À medida que o tempo avança, o cabedal epistolar aumenta proporcionalmente à variedade de correspondentes e interesses. Sem ironia, pode-se dizer que Freud escreveu uma outra obra dentro de envelopes, e como ponte entre ambas pode citar-se o famoso Projeto de uma Psicologia Científica, que viajou de Viena a Berlim após ter sido garatujado a lápis num vagão ferroviário... Gay deve ter agradecido silenciosamente os anônimos carteiros que durante meio século perambularam em volta de Bergasse 19 levando e trazendo notícias, especulações e confidências.

A comparação com os três volumes de Jones (*Sigmund Freud - Vida e Obra*) parece inevitável. Sem dúvida, em 35 anos as informações aumentaram, e além disso o distanciamento em relação a acontecimentos e personagens tende a favorecer o trabalho mais recente (embora o sabor da vivência direta continue beneficiando o anterior). Ambas as biografias, porém, compartilham mais de uma característica - inclusive as próteses teóricas e interpretativas pelas quais seria melhor não julgá-las.

Em conseqüência, e não deixa de surpreender, o Freud de Jones e o Freud de Gay, separados por três décadas, são parecidos como gêmeos... não univitelinos. Os dois livros celebram sobriamente, sob as bênçãos de um comedimento tipicamente psicanalítico, o herói cultural *dublê* de homem comum, cujo legado parece não ter esgotado sua capacidade de surpreender e instigar. De fato, os dotes heurísticos dos textos freudianos multiplicam as exegeses num grau que só conheceu paralelo em relação à Bíblia e a Marx.

Um humor irônico pode captar nessa conjunção o fator comum da esperança (ou da fé) e não será por acaso. Mas para um século que finalmente despertou diante das incômodas evidências da subjetividade, notoriamente confrontado com a possibilidade de uma hecatombe - por via bélica ou ambiental - a crescente popularidade de Freud constitui um "antes tarde do que nunca". O "conhece-te a ti mesmo" incessantemente preconizado por esse êmulo de Sócrates começa a ter um apelo semelhante ao do bote salva-vidas perante a eventualidade de um naufrágio. E uma virtude complementar do livro de Gay é que seu próprio título pode ser lido através da ambigüidade que a expressão "*uma vida para o nosso tempo*" sugere.

[www.franklingoldgrub.com](http://www.franklingoldgrub.com)